



A GRANDE MASSA DE DESASSISTIDOS SE ENTUSIASMA COM O NOVO CAUDILHO QUE NASCE COM AS 11 MILHÕES DE BOLSAS FAMÍLIA DISTRIBUÍDAS COMO ESMOLAS.

A CARGA TRIBUTÁRIA ESTÁ BEIRANDO OS 38% DE TODA A RIQUEZA PRODUZIDA PELA NAÇÃO.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO PUBLICOU UM CONJUNTO DE IDÉIAS QUE CHEGOU PARA OXIGENAR O DEBATE POLÍTICO NACIONAL.



SOBRAM MAUS EXEMPLOS Entre mensalões, cuecões, valeriodutos e toda sorte de desmandos protagonizados pelos representantes do governo, e tendo o Congresso Nacional como caixa de ressonância e fiel de uma balança cuja medida é a proteção da própria corporação, sobram maus exemplos de conduta que avalizam a bandidagem e estimulam a violência, o medo e a descrença. Paralelamente, a grande massa de desassistidos se entusiasma com o novo caudilho que nasce com as 11 milhões de Bolsas Família distribuídas como esmolas, sem contrapartida. Um caudilho que usa o dinheiro público em ações não sustentáveis ou como patrocínio de movimentos sociais de caráter duvidoso, como o baderneiro MLST que promoveu cenas de barbárie nas instalações do Legislativo.

ECONOMIA ESTAGNADA Enquanto isso, especialistas informam: o crescimento do PIB não passa de inexpressivos 3%. A carga tributária está beirando os 38% de toda a riqueza produzida pela nação, o famoso Produto Interno Bruto. As reformas fundamentais estão paralisadas no Legislativo que, nos últimos 16 meses, está concentrado nas intermináveis CPIs e sessões de cassação desencadeadas pelo governo. O resultado é que o crescimento econômico está estagnado e com ele, o desenvolvimento, o emprego e a renda. Abro os jornais e constato que o governo estaria enviando ao Congresso uma proposta de orçamento, para o primeiro ano do próximo governo, que vai implicar num novo crescimento nominal de 9,65%, da carga tributária federal. Caso seja aprovada, os tributos no país poderão chegar ao escandaloso patamar de 40% do PIB.

ELES SÃO OS MESMOS Outro periódico nos informa que o levantamento feito em Câmaras Legislativas de todo o país, incluindo Brasília, mostra que 95% dos deputados são candidatos. Dos 1.059 deputados estaduais do Brasil, 1.002 irão concorrer à reeleição ou a algum cargo eletivo neste ano – ou seja, 95% deles. Não é por acaso que o debate político não está empolgando. E é por isso mesmo que o TRE está investindo alguns milhões para instigar a população a exercer o voto.

CARTA DE FHC Finalmente, a menos de três semanas das eleições, surgiu um fato estimulante na cena política. Fernando Henrique Cardoso publicou, no site do PSDB, um conjunto de idéias que chegou para oxigenar o debate político nacional. Suas palavras trouxeram para o eixo da inteligência, da realidade e do compromisso uma conversa que há muito a democracia brasileira esperava ouvir. Tem até uma saudável mea-culpa. Coisa de homem sério, que trás para si as responsabilidades

e assina embaixo. Simbólica, a carta é datada de 7 de setembro, evocando a Pátria e todos os compromissos que ela exige.

ROUBO DO DINHEIRO PÚBLICO FHC chama à razão aqueles que tentam confundir a opinião pública com um discurso eleitoral propagando “grandezas inexistentes”. E afirma que a desculpa de que “*todos são iguais*” ou que “*a culpa é do sistema*” não diminui as responsabilidades no trato da coisa pública. Em sua carta, o ex-presidente fala de uma desconexão, uma confusão que o atual presidente insiste em cultivar entre ética e moral: “*Uma coisa é a discussão filosófica sobre a ética (...). Outra é a responsabilidade moral: quem transgredir as leis, os costumes, as práticas aceitas em comunidade (...) responderá pela transgressão perante a sociedade e estará sujeito às penalidades do caso*”. E conclui: “*pagar mensalão é crime e como crime deve ser tratado. (...) No caso do mensalão a fonte foi pública; é roubo do dinheiro do povo*”.

DIFERENCIAR DA PODRIDÃO Fernando Henrique faz ainda a mea-culpa do seu partido ao afirmar que: “*nós do PSDB não fomos suficientemente firmes na denúncia política de todo esse descalabro no momento adequado. (...) Mas para nos diferenciarmos da podridão reinante, temos a obrigação de não calar. (...) Erramos quando quisemos tapar o sol com a peneira no caso do senador Azeredo. (...) Entre os responsáveis pelas finanças de campanha do então governador estava seu vice, hoje ministro do Presidente Lula*”.

CONDIÇÕES MORAIS Sobre Alckmin, FHC fala das condições morais do candidato e da necessidade de recuperar o reconhecimento público do valor da política “*(...) nosso candidato tem mãos limpas. (...) Geraldo Alckmin pode dizer o que Lula não pode porque sua história não passa por acusações de suborno a prefeituras. (...) Enfim: faltam condições morais a um e sobram a outro. (...) Essa é a diferença*”.

LONGE DA DEMAGOGIA Ter condição moral é, de fato, a diferença que a sociedade está buscando nos seus representantes. O Estado e seus três poderes, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário precisam dar exemplos de conduta, cuidando com decência do bem público, da ordem social e da economia com a responsabilidade que a República, a democracia e os cidadãos precisam para crescer e desenvolver com justiça econômica e social, longe da demagogia, do clientelismo e do populismo.